

## **O bolchevismo hoje: lições, problemas, perspectivas (II)** *(a propósito do centenário do II Congresso do POSDR)<sup>1</sup>*

**Tatiana Khabarova**

**Agosto de 2003**

**O socialismo é a forma estatal do desenvolvimento  
da revolução mundial anti-exploradora.**

**A passagem da luta revolucionária de classe para o nível inter-estados.**

**A razão da nossa derrota na presente etapa.**

**A Terceira Guerra Mundial – o não reconhecimento pela direcção  
política soviética da agressão de novo tipo e a não adopção das medidas  
necessárias para repelir a agressão.**

E aqui inicia-se já um novo capítulo, toda uma nova etapa no desenrolar do processo revolucionário-emancipador mundial. É a época em que as massas laboriosas, encabeçadas pelo proletariado – ou o proletariado com os seus aliados sociais – se tornam não apenas a classe revolucionária, a classe insurrecta, mas a **CLASSE FUNDADORA DO ESTADO**, se tornam detentores e executores do poder de Estado. A história prática e teórica do bolchevismo no século XX é a história do desenvolvimento da revolução comunista na forma estatal.

Num desses «*seminários*» trotskistas, que nos últimos anos se têm realizado em grande número no nosso país, fui chamada de «*ideóloga do socialismo de Estado*». Sim, num certo sentido sou ideóloga do socialismo de Estado. No sentido em que o socialismo é a **FORMA ESTATAL DO DESENVOLVIMENTO DA REVOLUÇÃO MUNDIAL ANTI-EXPLORADORA**. Só pessoas que não compreendem o significado das palavras que pronunciam podem falar em socialismo **NÃO** estatal.

A partir do ponto de vista «*estatista*» todos os problemas que se colocaram perante o bolchevismo – i.e., em primeiro lugar perante o socialismo soviético – sistematizam-se, «*dispõem-se*» por si próprios, quase que naturalmente. Torna-se visível mais claramente o que foi resolvido, o que foi apenas parcialmente resolvido ou o que não foi resolvido, em que tropeçaram, o que está por resolver, etc.

---

<sup>1</sup> Segunda parte da intervenção no clube político do Centro de Moscovo da Plataforma Bolchevique no PCUS, Moscovo, 14 de Agosto de 2003.

Tentemos, ainda que de forma muito breve, resumidamente, fazer uma resenha desta problemática.

E por muito estranho que pareça, a partir do ângulo por nós escolhido é muito mais fácil responder à questão, dir-se-ia, mais sombria, sobre as causas da catástrofe ocorrida, sobre aquilo em que tropeçámos.

A causa do ocorrido é a subestimação estratégica, no plano político, e doutrinal, no plano teórico, por parte da direcção do país após Stáline, do facto – em rigor não é sequer um facto, mas todo o quadro objectivo da nossa situação no século XX – de que a criação do Estado soviético e a supressão das classes exploradoras no interior do país não foram o culminar da nossa revolução, no sentido amplo da palavra, e muito menos da luta de classes, mas a passagem da luta revolucionária de classes para uma fase muito mais complexa e perigosa. Trata-se da passagem da luta revolucionária de classe para o nível estatal, mais precisamente para o nível inter-estatal, o que significou, antes de mais, a junção total, a fusão do inimigo de classe externo, geopolítico, com o inimigo interno, com todos os elementos anti-socialistas e sobrevivências do passado no seio da nossa sociedade. Isto, como se depreende facilmente, ampliou muito o campo de acção de uns e outros e elevou ao quadrado o grau de ameaça que deles emanava.

Em segundo lugar, uma vez que a luta de classes ao nível inter-estatal abreviadamente se chama guerra, então tudo isto significava que, no horizonte visível da nossa coexistência com o cerco imperialista, pela sua natureza, não obstante todos os atributos da regulação diplomática, não teríamos outra coisa senão uma **GUERRA** permanente. Todavia, dado que era preciso manter a aparência de relações diplomáticas normais, precisamente por isso, esta guerra começou a adquirir formas extremamente refinadas, pode-se dizer mesmo pervertidas, ambíguas, perversas e traiçoeiras. Foi-nos dada a possibilidade de nos convencermos plenamente disto através do exemplo da guerra «fria», ou guerra informativa-psicológica, que – como nós, a Plataforma Bolchevique no PCUS e o Movimento dos Cidadãos da URSS, temos repetido incessantemente em todos os nossos materiais – era, é e continuará a ser durante algum tempo a Terceira Guerra Mundial, desencadeada imediatamente após o fim da Segunda Guerra Mundial. Aparentemente, os nossos aliados na coligação anti-hitleriana comemoraram connosco a vitória, mas se para nós se tratou verdadeiramente, apenas e em toda a sua extensão de uma vitória, para eles foi uma meia derrota, se não mesmo mais do que meia. E onde existe a constatação de uma derrota está também a directiva da revanche. Esta directiva para a revanche histórica contra a URSS foi logo formulada com toda a franqueza por W. Churchill, no seu memorável «*discurso de Fulton*», em 5 de Março de 1946.

A partir da segunda metade dos anos 40, os EUA puseram oficialmente em marcha (não foi um simples delírio) – i.e., financiamento, recrutamento de quadros, etc. –, planos monstruosos pelo seu cinismo para o derrubamento do poder soviético no nosso país, por via de uma actividade diversionista massiva, versátil e altamente integrada. A aposta foi feita na reanimação da «*quinta coluna*», que havia sido liquidada praticamente na totalidade no tempo de I.V. Stáline, e na ocupação por ela dos postos-chave em todas as esferas da administração partidária-estatal na União Soviética. Hoje, por enquanto, ainda é difícil avaliar com a necessária segurança quem, entre os dirigentes pós-Stáline, era traidor encapotado, quem era «*quinta-colunista*» efectivo, quem era subjectivamente honesto mas não dispunha de uma mente suficientemente forte e uma visão ampla para se interpretar correc-

tamente os acontecimentos, e quem entrou em euforia face ao elevado nível geopolítico alcançado pela URSS no final da governação de Stáline. Nesse momento – como referem as fontes – a União Soviética desfrutava de uma **SEGURANÇA NACIONAL ABSOLUTA**, i.e., nenhuma potencial coligação de potências imperialistas lhe poderia infligir uma derrota militar.<sup>2</sup>

Seja como for, o quadro geral da era pós-Stáline é manifestamente lamentável: o inimigo de classe unido (o interno e o externo) desencadeou obstinada e metodicamente uma guerra de novo tipo contra nós; a nossa cúpula governante ou não compreendeu isto em absoluto ou revelou uma negligência criminoso face ao perigo crescente, ou – o que é o mais abominável – participou secretamente na agressão ao lado do inimigo. A causa da nossa derrota na etapa presente da Terceira Guerra Mundial – repito – é **O NÃO RECONHECIMENTO PELA DIRECÇÃO POLÍTICA SOVIÉTICA DA AGRESSÃO DE NOVO TIPO, E NESTA DECORRÊNCIA A NÃO ADOÇÃO DAS MEDIDAS NECESSÁRIAS PARA REPELIR A AGRESSÃO**. Naturalmente que não se pode subestimar a importância do facto de, no período da permanência no poder de L.I. Bréjnev, o nosso país ter atingido a paridade militar-estratégica com os EUA e o bloco da NATO em matéria de armamento nuclear. Os resquícios dessa paridade ainda hoje, de alguma forma, nos mantêm à superfície. Mas a desgraça está em ter sido utilizada contra nós uma arma de um novo escalão superior: a diversão psicopolítica transversal orientada para provocar – em última instância – a traição nacional das estruturas de poder. O que veio a acontecer em resultado de todos os esforços empregues pelo inimigo.

Direi ainda, para concluir este subcapítulo, que V.I. Lénine e I.V. Stáline nunca subestimaram o processo de aprofundamento, endurecimento e complexidade crescente da luta de classes à medida do avanço para o comunismo.

«*O que é a luta de classes?*» – interrogava Lénine em 1921 – «*É uma guerra, e muito mais cruel, prolongada e tenaz do que qualquer outra guerra jamais ocorrida*».<sup>3</sup> Se se tiver em conta que V. I. Lénine concordava inteiramente com Marx em que a ditadura do proletariado cobre toda a distância histórica «*entre a sociedade capitalista e a comunista*», todo o período «*da transformação revolucionária de uma na outra*»,<sup>4</sup> então teremos os limites temporais desta guerra descrita por Lénine.

Nas obras de Lénine deparamo-nos várias vezes com a indicação específica de que a única garantia sólida de que o capitalismo não seria restaurado no nosso país é «*a revolução socialista no Ocidente*».<sup>5</sup> «*A transição do capitalismo para o comunismo é toda uma época histórica. Enquanto ela não terminar, os exploradores*

---

<sup>2</sup> Cf. M.V. Aleksandrov, *A Doutrina de Política Externa de Stáline*, Canberra, Australian national university, 1995, p.113.

<sup>3</sup> *VII Conferência do Partido da Gubérnia de Moscovo, 29-31 de Outubro de 1921, Discurso sobre a Nova Política Económica, 29 de Outubro*, V.I. Lénine, *Obras Completas* (em russo), t. 44, pp. 201-211.

<sup>4</sup> *O Estado e A Revolução* (Agosto/Setembro de 1917), V.I. Lénine, *Obras Escolhidas* em seis tomos, Ed. Avante! – Ed. Progresso, Lisboa – Moscovo, 1985, tomo 3, p. 259.

<sup>5</sup> *Sobre os resultados do Congresso* (1906), V.I. Lénine. *Obras Completas* (em russo), t. 13, p. 78.

continuam a manter esperança da restauração, e esta **esperança** transforma-se em **tentativas** de restauração».<sup>6</sup>

Pergunta-se, quais são os exploradores que alimentam a esperança da restauração burguesa no Estado da ditadura do proletariado e empreendem tentativas com vista a essa restauração? Pressupõe-se que isto ocorre **ANTES** da realização da «*revolução socialista no Ocidente*», uma vez que depois desaparece a própria base económica para a restauração.<sup>7</sup> Evidentemente que aqui não se pode dispensar uma estreita «*cooperação*» entre o capital estrangeiro transnacional e potenciais elementos exploradores no seio do Estado operário e camponês. I.e., a compreensão da inevitabilidade de tal ocorrência, que mais tarde foi chamada guerra psicopolítica, é clara em V.I. Lénine.

I.V. Stáline não é a este respeito menos categórico.

Eis a sua intervenção em 1926 «*Sobre o desvio social-democrata no nosso partido*», na XV Conferência de Toda a Rússia do PCU(b)

«(...) *Podemos e devemos construir a sociedade socialista no nosso país. Mas pode-se chamar a esta vitória total e definitiva? Não, não se pode chamar. Podemos vencer os nossos capitalistas, construir o socialismo, e estamos em condições de o construir, mas isto ainda não significa que estamos em condições de preservar o país da ditadura do proletariado da ameaça externa, da ameaça da intervenção e, relacionada com ela, da restauração, do restabelecimento da velha ordem. Não vivemos numa ilha. Vivemos no cerco capitalista (...) Pensar que o mundo capitalista pode olhar com indiferença para os nossos êxitos na frente económica, êxitos que revolucionam a classe operária mundial – isso significa cair na ilusão (...) para vencer definitivamente é preciso conseguir que o actual cerco capitalista seja substituído pelo cerco socialista (...)*».<sup>8</sup>

As suas reflexões sobre este tema não se suavizaram com o passar dos anos.

«*Naturalmente que a nossa política não pode ser considerada de modo nenhum uma política de atijamento da luta de classes (...) enquanto estivermos no poder (...) não estamos interessados em que a luta de classes adquira formas de guerra civil. Mas isto não significa de todo que a luta de classes tenha com isso cessado ou que (...) não irá agudizar-se.*» «*Pelo contrário, o avanço para o socialismo não pode deixar de levar os elementos exploradores à resistência a esse avanço, e a*

---

<sup>6</sup> *A Revolução Proletária e o Renegado Kautski*, V.I. Lénine, *Obras Escolhidas* em seis tomos, ed. cit., t. 4, p. 31.

<sup>7</sup> A passagem de Lénine a que a autora se refere é a seguinte:

«*A revolução russa pode vencer pelas suas próprias forças, mas em caso algum pode pelas suas próprias mãos manter e consolidar as suas conquistas. Não poderá conseguir-se no Ocidente não houver uma revolução socialista; sem esta condição a restauração é inevitável, quer seja com a municipalização, quer seja com a nacionalização ou com a distribuição, uma vez que o pequeno proprietário, sob todas e quaisquer formas de posse da propriedade, será o suporte da restauração.*»

«*Intervenção final sobre a Questão Agrária, Congresso Unificador do POSDR (10-25 de Abril de 1906)*», V.I. Lénine. *Obras Completas* (em russo), t. 12, p. 362.

<sup>8</sup> «*Sobre o desvio social-democrata no nosso partido*, XV Conferência de Toda a Rússia do PCU(b) (1926), I.V. Stáline, *Obras* (em russo), t. 8, pp. 262-263.

*resistência dos exploradores não pode deixar de levar à inevitável agudização da luta de classes.»*<sup>9</sup>

Lembremo-nos da fúria com que os khruchovistas atacaram precisamente esta tese de Stáline (que é de igual modo de Lénine) sobre a agudização da luta de classes no decurso da edificação socialista e comunista. Suponhamos por um momento que entre os governantes da URSS, depois de Stáline, não havia traidores assumidos. Nesse caso parece ainda mais imperdoável a cegueira política por eles revelada e a incapacidade de compreenderem que a luta de classes, à medida que se estreita a sua base no interior do país, mais instantaneamente procurará aliar-se ao inimigo externo, até gerar esse monstro da guerra diversionista, na qual é já quase impossível distinguir se se trata de uma agressão a partir do exterior, levada a cabo por renegados e traidores de classe internos, ou de uma traição interna, cuja força diabólica é alimentada pelo inimigo externo.

Neste ponto da nossa argumentação surgem habitualmente objecções no sentido de que é preciso analisar as contradições internas do socialismo e que não se pode atribuir tudo ao factor subjectivo. No entanto, camaradas, a luta de classes é precisamente uma das mais importantes contradições **OBJECTIVAS** do desenvolvimento social. E – a como nos reafirmaram em uníssono V.I. Lénine e I.V. Stáline – ninguém a aboliu na sociedade socialista ao longo de todo o período até à nossa chegada revolucionária ao comunismo completo. De modo que se não conseguimos dominar esta contradição, quer se entenda ou não as restantes, o resultado será o mesmo: precisamente aquele que hoje temos.

No XVI Congresso do partido, I.V. Stáline falou da contradição entre o capitalismo no seu conjunto e o país que construía o socialismo, referindo que esta contradição «*revela até à raiz todas as contradições do capitalismo e junta-as num único cerne, tornando-as numa questão de vida e de morte dos próprios regimes capitalistas*».<sup>10</sup> Daqui é preciso concluir – aliás é a experiência histórica que nos mete isto pelos olhos dentro – que esta contradição, a contradição entre nós e o mundo do capital no seu conjunto, representa também para nós o mesmo concentrado de todos os problemas e a mesma questão de vida ou de morte, tal como o é para o inimigo. Toda a diferença está apenas em que o imperialismo mundial, encontrando-se no ponto de declínio da sua epopeia histórica, olhava para todas estas coisas com muito maior lucidez, conseguiu ler nelas o aviso fatal que lhe era dirigido e retirou as correspondentes ilações. Nós, infelizmente, não o conseguimos fazer, provavelmente porque caminhávamos numa ascensão histórica e estávamos ébrios com os nossos êxitos.

---

<sup>9</sup> «*Sobre a industrialização e o problema do pão: discurso no plenário do CC do PCU(b), 9 de Julho de 1928*», I.V. Stáline, *Obras* (em russo), t. 11, pp. 170-172.

<sup>10</sup> «*Relatório político do Comité Central ao XVI Congresso do PCU(b), 27 de Junho de 1930*», I.V. Stáline, *Obras* (em russo), t. 12, p. 255.